

CONCLUSÃO

Voltar ao simples ou reeditar o duplo (ou o múltiplo); dialogar com a cidade quadriculada ou com a paisagem tropical; apontar para o homogêneo ou celebrar o diverso; sintetizar modernidade e tradição ou juntá-las guardando a lembrança das diferenças; ler preferentemente ‘ordem’ ou ler ‘liberdade’ num discurso que as manteve desde sempre imbricadas; promover a produção de tipos normalizados ou de objetos singulares; procurar o Belo através da harmonia das proporções ou da articulação plástica das formas; aderir à modernização da arquitetura ou ao cânon do Movimento Moderno. Tais são algumas dentre as várias linhas diretrizes deduzidas dos ideários de Alberto Prebisch e Lucio Costa ao longo desta análise. Constituem, à vista, uma série de pares praticamente opostos que assim colocados, assinam e até enfatizam a condição ímpar da comparação, tal como postulada e privilegiada desde o início. Contudo; essa imparidade foi uma eleição, aquela que se achou mais potencial e interessante, mas nunca a única alternativa de confrontar e entender duas trajetórias que simultaneamente se defrontaram com o compromisso já quase inadiável de formular os rumos e as formas da mudança que a modernização vinha demandando. Sem ir mais longe, esses mesmos pares opostos, se vistos no conjunto (trocando o ‘ou’ pelo ‘e’) como uma totalidade de respostas articuladas em torno de imperativos e condicionantes comuns –ou, quando menos, muito semelhantes- quase que resumem de um modo esquemático porém bem ilustrativo a diversidade e o conflito constituintes do nó ideológico do moderno, evidenciando a medida em que, sobretudo na época em que eles tiveram que agir, ‘o moderno’ era antes do que uma premissa ou uma promessa, um problema, uma equação a resolver que chegou a envolver nada menos que a sua passagem de uma condição adjetiva para uma substantiva.

Assim, ao assumirem o desafio de traduzir essa passagem no campo da arquitetura e de ser então ‘homens do seu tempo’, Costa e Prebisch acabaram sendo simultaneamente e por causa dessa escolha, homens do seu [contra]tempo. Nesse ponto, e para além de todas as imparidades salientadas, é que reside a paridade fundamental que vincula as suas trajetórias: a vontade de batalhar pelo moderno, processando –‘deglutindo’ e/ou ‘sintetizando’- não somente os frêios interpostos por uns contextos disciplinares refratários às mudanças, mas os crivos que operavam neles próprios como resultado de uma formação (e de uma

experiência das formas, da paisagem, da cidade, do ‘fazer projetual’) ancorada nos valores que estavam chamados a questionar. ‘O impulso e o seu freio’ comporta uma figura que, tomada de empréstimo já em terceira mão,¹ resulta muito funcional para caracterizar estes percursos, atravessados talvez tanto por tensões internas quanto externas; impulso e freio operando juntos, partindo da mesma base. Não é senão dessa luta interiorizada que podem compreender-se em sua totalidade as séries de expressões (idéias, comportamentos, premissas), que interpretadas levemente como ‘recuadas’ dentro do fio do moderno como ruptura radical (que nunca houve por estes lares), tanto um como o outro acussaram ao longo das suas missões pioneiras, para além –ou junto com– as demandas latentes que pairavam nos contextos sociais e profissionais em que eles interagiram, como a mais evidente de conjugar tradição e modernidade como ‘programa’ político-cultural. No caso de Prebisch, o recio de abrir deliberadamente a labor projetual ou criativa ao horizonte ‘des-regulado’ do novo, a sua sustentada contenção ainda escrevendo e pensando desde o reduto mais radical da renovação lingüística *porteña*; no caso de Costa, na distância reconhecível entre pensamento e ação projetual, naquele ‘intimismo’ tão bem marcado por Sophia Telles há tempo, e inclusive no perfil discreto assumido durante todo o seu percurso como funcionário/homem público.

Porém, a partilha desses pequenos ‘dramas’ inerentes a toda missão pioneira, ou as perplexidades conexas a esses lanços ‘peripécicos’, não esgotam a gama de paridades que o acento depositado nas imparidades tendeu a apagar. Houve outras reconhecíveis nas estratégias discursivas de Costa e Prebisch, e ainda entre as estratégias tecidas no nível dos arcabouços culturais que deram filiação e forma aos seus discursos. Poder-se-ia dizer, por exemplo, que a inflexão interiorizada do nacional salientada no recurso à oralidade, ao tom da voz ou aos modos de ‘dizer argentino’ verificadas na operação do *criollismo martinfierrista* – e sobretudo na produção borgiana- também foi objeto do trabalho cultural dos brasileiros em torno de Costa e do próprio Costa, sem prejuízo das formas mais visíveis acusadas no processo de definição da ‘brasilidade’, ou da ênfase nos

¹ Utilizada por Adrián Gorelik para exprimir as tensões intrínsecas às figuras do tabuleiro (“a grilla”) e o parque em si próprias e no seu permanente confronto no contexto da história urbana de Buenos Aires, fora por sua vez tomada por esse autor do título que Carlos Real de Azúa dera em 1964 ao seu trabalho sobre o movimento político do “batllismo” no Uruguai nas primeiras décadas do século XX.

contrastes estimulada como parte do programa de reivindicação do mestiço. Paralelamente, Costa também leu ‘ordem’ no discurso corbusierano, e comungou com a harmonia das proporções –a ‘modenatura’- no seu conceito do Belo-moderno, para além do protagonismo concedido à liberdade e a plasticidade no contexto de sua argumentação. De fato, o caráter ‘inclusivo’ salientado com relação ao programa da ‘brasilidade’ no qual ele se alistara, habilita também a inclusão dos traços que vieram a caracterizar o constructo discursivo de Prebisch, ou seja, aquele com respeito ao qual se sustentava a sua diferença. Se bem que nestas poucas linhas finais resulta impossível dar conta desses pontos comuns –ou paridades- em ambos termos da comparação, cabe ressaltar que o seu não-comparecimento formal ao longo do texto se deveu antes aos efeitos de uma escolha do que a qualquer intencionalidade de recalque de sua existência.

Por outro lado, também houve outro grupo de questões que sem filiar-se estritamente na paridade ou imparidade dos termos em tensão, partilharam de premissas e condições semelhantes, tendo resultado afinal em configurações diversas; tal o caso, por exemplo, dos elementos implicados na construção do aparato das respectivas tradições, que abeberando em grande medida nos acervos já vistos como locais dos períodos da colônia (e cabe fazer valer todas as ressalvas inerentes aos mecanismos de essencialização marcados para o caso argentino) diferiram sugestivamente nos materiais resgatados. Assim -e segundo uma linha em todo coerente com os pesos concedidos em cada um dos discursos às articulações entre arquitetura, cidade e paisagem- entanto Prebisch colocara o acento no ‘tabuleiro’ urbano como o maior legado –às vezes repudiado, às vezes reivindicado- dos colonos espanhóis, Costa o colocara antes nas inflexões propriamente arquitetônicas do legado português. Também, quando ambos olharam para atrás, fincaram pé no ‘barroco’ moderado, simplificado, pobre, das casas coloniais antes do que no barroco oficial das instituições; porém as casas enxergadas por Costa eram aquelas casas rurais das fazendas, as consagradas por Freyre e depois pelo trabalho do SPHAN, cuja simplicidade contrastara com a paisagem natural circundante. Em Prebisch, as casas dos colonos, simples e despretensiosas foram, no entanto, casas suburbanas, em insolúvel diálogo com a trama homogênea de Buenos Aires. A cidade como ‘tecido’, de um lado, a cidade como ‘coexistência’, do outro: Rio de Janeiro como a própria diretriz da síncriese.